

ACERCA DE *MI CONCEPCIÓN DEL MUNDO*, DE ERWIN SCHRÖDINGER

Concerning Mi Concepción del Mundo, by Erwin Schrödinger

Vinícius Carvalho da Silva¹

(...) pretendia dizer que considero a ciência como uma parte integrante do nosso esforço para responder à grande questão filosófica que abarca todas as outras, a questão que Plotino expressou de forma breve: quem somos nós? E mais do que isso, considero que esta é não só uma das tarefas da ciência, mas a tarefa da ciência, a única que efetivamente tem importância.

- Erwin Schrödinger in *Ciência e Humanismo* -

Ao pesquisar onde poderia achar a referida obra, travei contato com dezenas das mais tradicionais e maiores bibliotecas do Brasil. Infelizmente, não encontrei ao menos um exemplar. E também, nenhum indício de que a mesma possuísse qualquer edição em língua portuguesa. A encontrei-a em língua espanhola, numa edição de 1988, e fui buscá-la na Biblioteca Nacional da República Argentina, em Buenos Aires, de onde trouxe cópia em língua espanhola. Vejo, portanto, como preciosa, para mim, e, sobretudo para a comunidade acadêmica local, toda possibilidade de divulgar o conteúdo da fonte em questão. São raras as citações desta obra, mesmo do interesse de Schrödinger pelo pensamento védico, em língua portuguesa. No livro *Schrödinger e Heisenberg, a Física além do senso comum* de Antônio F. R. de Toledo Piza, doutor em Física Nuclear pelo MIT, professor de Física da USP, constatamos as palavras do próprio Schrödinger acerca de tal questão:

(...) eu pretendia dar aulas de Física Teórica e, na vida particular, me dedicar mais à Filosofia (eu estava justamente naquela época me familiarizando, com grande entusiasmo, com Schopenhauer [1788-1860] e, através dele, com a doutrina de unidade ensinada pelos *Upanishads*). (PIZA, A,F,R,T. 2007. P-62)

O doutor Piza, em seguida, nos esclarece acerca do que se tratam os *Upanishads*:

¹ Mestrando em Filosofia da Ciência pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com estudos pela UFRJ, sendo bolsista CAPES. É professor de Filosofia e Sociologia do Centro Educacional de Itaipava, Petrópolis-RJ.

Os Upanishads são textos filosóficos escritos por sábios indianos entre os séculos VIII e IV a.C., que aparecem como a parte final dos textos conhecidos como *Vedas* e que formam a base da filosofia *Vedanta*, que significa ‘o final dos *Vedas*’. Segundo a filosofia *Vedanta* existe uma realidade única, uniforme e fundamental (*brahman*) que interliga todos os seres, mas que não é acessível à percepção imediata devido à interposição de um mundo de ‘aparências’ (maia). A natureza fundamental presente em cada pessoas é chamada *atbman*, também o nome de um fiel cachorro do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. (PIZA, A,F,R,T. 2007. P-62)

Schrödinger levou a concepção dos *Vedas* muito a sério, e buscou fundamentar nela, a sua filosofia da natureza. Para ele:

(...) o Eu, no sentido mais amplo do termo, é quem controla o movimento dos átomos de acordo com as leis da Natureza. Essa posição é confrontada com a dos *Upanishads* (Athman=Brahman, o eu pessoal identificado com o eu onipresente e eterno) e com a frase dos místicos: *Deus Factus sum* (Eu me fiz Deus). (PIZA, A,F,R,T. 2007. P-177)

Entretanto, apesar das relações entre a filosofia da natureza de Erwin Schrödinger e as concepções védicas que o texto de Piza apresenta, é somente mais à frente, e de modo muito breve, que o autor cita a obra que propusemos resenhar aqui:

Na primavera de 1960 a saúde pulmonar de Erwin se agravou, com uma recorrência da infecção por tuberculose que o acometera pela primeira vez em 1922. Para tratar de se recuperar dela, mais uma vez lhe foi prescrita uma cura pelo repouso, para a qual desta vez se dirigiu a Alpbach, com Annie. Ali escreveu os capítulos da parte intitulada “O que é real?”, publicados depois conjuntamente com *A minha visão do mundo*, que escrevera em 1925. (PIZA, A,F,R,T. 2007. P-196)

Nesta obra, Erwin Schrödinger, criador da mecânica ondulatória e da equação responsável por descrever a evolução temporal de sistemas quânticos, discorre sobre questões de ordem filosófica. A saber, no capítulo primeiro *Acerca de la Metafísica en general* discute sobre a crítica que Kant tece acerca do empreendimento metafísico. No segundo capítulo, *Um enojoso balance*, o autor defende a tese de que o desenvolvimento da civilização ocidental ocorrido no último milênio, tanto no campo teórico quanto no prático *no es muy alentador*. Para ele, a conclusão moderna do pensamento ocidental, de que toda transcendência metafísica deva ser extirpada do *logos* científico, não pode impor-se ao

campo da epistemologia. Ao prescindirmos da metafísica, diz o autor, não há garantias de emancipação intelectual alguma, pois enfim, poderemos substituí - lá por dogmas pseudocientíficos, que podem ser ainda muito mais estranhos, ingênuos e insustentáveis, quicá.

No terceiro capítulo, *El asonbro filosófico*, Schrödinger trata sobre as possíveis razões que podem nos motivar à atividade filosófica, citando Epicuro, Leibniz, Kant e Schopenhauer. Em seguida, em *Yo – Mundo – Muerte – Multiplicidad*, quarto capítulo, detêm-se em questões que considera, sejam fundamentais. São questões cuja abordagem ocorre desde a antiguidade, mas que permanecem em aberto: Existe um *Eu*? Existe um “Mundo”, objetivo, fora, independente de mim, (de minha consciência)? Este *Eu* cessa de existir com a falência do corpo? Este *Eu*, é o corpo? O “Mundo” permanece tal e qual com a morte do meu corpo? O autor pontua que, obviamente, não é por meio da fisiologia que buscará dissecar o cerne de tais questões. São problemas ontológicos, e devem ser tratados como tais. Schrödinger busca apresentar uma possível solução para tais dilemas, coadunando com o pensamento dos sábios da Índia Antiga: Posto que o “indivíduo” é conceitual e factualmente uma ilusão, ora, as noções de *eu particular* e *morte* constituem são igualmente ilusórias. Só há o Mundo, vivo, eterno, dinâmico. Os corpos nascem e renascem, sendo cada corpo novo, produzido a partir da matéria dos corpos decompostos na fase anterior do ciclo bio-ecológico. O Mundo é uma usina produtora e mantenedora da vida global, a partir da transformação bioquímica e física das matérias orgânicas decompostas. Flutuações demográficas estatísticas não alteram o “Todo”. Morrem uns indivíduos e nascem outros. O todo permanece vivo e sem abalos. Tanto faz, até, para o todo, se um indivíduo é o cientista do século ou um bom jardineiro. Só o todo importa. O gênio e o homem comum são apenas partes do todo, e como partes, estão integradas ao todo, formando uma única realidade interligada. A identidade histórica, social e psicológica das partes é efêmera. Os séculos e milênios passarão, e para o Todo, terá sido um breve instante, mas para as partes, para o cientista e para o jardineiro, “toda a eternidade” terá transcorrido, legiões de outras gerações já terão se passado. É uma espécie de “eterno retorno”, mas não do mesmo: as partes retornam eternamente, mas recicladas pela inesgotável usina produtora de vida, que é o mundo.

Tais reflexões permanecerão e se aprofundarão no quinto capítulo, *La concepción védica fundamental*. A obra em questão reúne mais de dez capítulos, que discorrem sobre questões de Epistemologia, Linguagem e Metafísica. Nesta oportunidade, deter-nos-emos no quinto capítulo.

Logo nos primeiros parágrafos desta seção, algumas teses aparecem como basilares para a filosofia da natureza, e mesmo, podemos dizer, para a ontologia de Schrödinger. O problema fundamental da Filosofia é o da multiplicidade ontológica no espaço-tempo. Para o autor, a multiplicidade de seres, experimentado existências individualizadas no devir, é como uma espécie de “realidade ficcional”, aparência pura, ilusão cognitiva que nos impede de compreender a real estrutura ontológica do mundo – todos e quaisquer seres são mais do que partes de um Todo, são o próprio Todo. A noção de *eu* particular, de ego, deriva de uma ilusão cognitiva. Identificamo-nos ao nosso corpo (e suas experiências) e a nossa memória, mas tanto um quanto outro é apenas expressão passageira de nosso *Eu* que permanece, que *é*. O desenvolvimento da holografia ocorreria somente mais tarde, mas nos servirá como ilustração do pensamento do autor. Cada mínima parte de uma imagem holográfica contém as informações necessárias para a reconstrução de toda a imagem. Se o universo possuísse estrutura holográfica, como aventou Stephen Hawking em *O Universo numa casca de noz*, cada pequeno fragmento seu, “conteria” sua totalidade. Daí Hawking citar Shakespeare, *Hamlet*, Ato 2, Cena 2: *Eu poderia viver recluso numa casca de noz e me considerar rei do espaço infinito...*. O *Kosmos* e a noz, um contido pelo outro. A identidade ($A=A$) entre a Parte e o Todo. Schrödinger recorre à imagem de um cristal, em que cada pequena parte é a miniatura perfeita do cristal inteiro, nos lembrando a figura dos fractais em matemática contemporânea.

O quinto capítulo parece reunir o fundamental da obra. Nele o autor conclui que a noção de unidade, este sentir e querer que chamamos de *eu* não pode ter surgido simplesmente do nada, (Schrödinger parece recorrer, neste ponto, ao princípio da razão suficiente, de Leibniz, para o qual, nada pode haver sem que haja uma boa razão para tal – sem que haja uma boa razão ontológica, mesmo que epistemologicamente tal razão se encontre para além do que podemos compreender) de modo que temos que reconhecer sua eternidade e invariabilidade, da qual participam todos os homens e seres sensíveis. Assim o autor pretende resolver, recorrendo ao pensamento védico, o inescrutável problema da morte. Tão certo quanto o fato de que a terra nos consumirá no devir, é que no devir ela nos parirá renovadas vezes, para novas ambições e sofrimentos. Neste mesmo instante a terra nos devora na imagem de milhões de seres que padecem, (morremos com eles), e nos renova por meio de outros milhões de seres que nascem (e renascemos todos por meio deles). Para Schrödinger, além de resolver questões fundamentais de ontologia e metafísica, tal visão de mundo dá-nos uma ética valiosa: por meio dela, o homem se vê em comunhão, não só com toda a humanidade, mas com o *Kosmos*. Quem somos nós?

Perguntava-se Schrödinger, defendendo tal questão como o ponto de partida e a missão de toda a Ciência:

Qual o valor da ciência natural? Respondo: o seu âmbito objetivo e valor são os mesmos que os de qualquer outro ramo do conhecimento humano. Ou melhor, nenhum deles por si só, apenas a união de todos eles, tem qualquer âmbito ou valor, e isso acontece, muito simplesmente porque tal união representa a obediência ao comando da divindade délfica: ‘conhece-te a ti próprio’. Ou, utilizando a retórica concisa e impressionante de Plotino: ‘E nós, quem somos nós afinal?’. Parece simples e evidente, e, contudo, precisa ser dito: o conhecimento isolado obtido por um grupo de especialistas num campo restrito não tem por si só qualquer valor, mas apenas quando se concretiza a sua síntese com todo o restante do conhecimento, e apenas desde que contribua de forma efetiva nesta síntese para conseguir responder a questão: ‘quem somos nós?’.

Em *Mi concépcion del Mundo* Schrödinger pretende dispor de uma solução para a questão fundamental colocada por Plotino. Nós somos o Todo. Um universo vibrante dançando pela eternidade. Nossos egos particulares constituem o mundo das aparências, a ilusão, o véu de maia. Se rasgarmos este véu e penetrarmos nas sendas ontológicas do mundo, nos reconheceremos indivisos, não seremos um ser, mas o Ser. Nós somos o *Kosmos*.

Referências

HAWKING, S. *O Universo numa casca de noz*. São Paulo: Arx, 2001.

PIZA, A. *Schrödinger e Heisenberg: A Física além do senso comum*. São Paulo: Editora Odyisseus, 2007.

SCHRÖDINGER, E. *Mi concépcion del Mundo*. Barcelona: Tusquets Editores, 1988.

_____. *A Natureza e os Gregos seguido de Ciência e Humanismo*. Lisboa: edições 70, 1996.